

**LITERATURA: DA “VIDA DE TODOS OS DIAS E DE TODOS OS HOMENS”****LITERATURE: OF “EVERYDAY LIFE AND OF ALL HUMANKIND”**

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos  
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes  
cassiadionisio@hotmail.com

Flávia Brocchetto Ramos  
Universidade de Caxias do Sul – UCS  
fbramos@ucs.br

**Resumo:** Para quê e por que a literatura? Que valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo? Ela é útil para a vida? Com um olhar voltado às relações entre literatura e leitor, propõe-se a refletir sobre essas dimensões, a partir de aspectos culturais e históricos que engendram a leitura literária, especialmente no que abrange a sua importância para a formação pessoal e intelectual do sujeito. Para tanto, tomamos como objeto de reflexão textos literários de natureza diversa.

**Palavras-chave:** literatura; experiência, formação do leitor.

**Abstract:** What is literature for, and why literature? Which values can literature create and transmit to the world? Is it useful for life? With a view to the relations between literature and the reader, it is proposed a reflection about these dimensions, from the cultural and historical aspects which engender the literary reading, especially what encompasses its importance for the personal and intellectual formation of the individual. To do so, we take as object of reflection literary texts of diverse feature.

**Keywords:** literature; experience; readers formation.

“Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram [...] a atividade silenciosa, transgressora, irônica ou poética, de leitores (ou de telespectadores) que conservam uma reserva de distância na intimidade, sem que os ‘amos’ o saibam”.  
(Michel de Certeau)

**1. Para começo de conversa...**

De autoria do pintor realista brasileiro do século XIX, José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899), a tela *Moça com livro* exhibe uma jovem em primeiro plano da imagem, em meio corpo, deitada, com um livro aberto, entre arbustos, em atitude contemplativa, provavelmente sobre fragmento do romance em que posa uma de suas mãos. Vestido branco de sugerida pureza, o decote em “v” de



versão vitoriana expõe o ombro esquerdo, num dilema entre revelar e dissimular o colo da modelo, cujo olhar mira um horizonte longínquo. Os tons em verde-escuro da vegetação e o negro dos cabelos que emolduram a clara tez da moça acentuam a leveza da imagem e permitem inferir que o tema da sua leitura refira-se a algo de ligeiro contentamento e deleite, expresso na serenidade de sua face, supondo, portanto, a doutrina aristotélica da Katharsis.<sup>1</sup>

Interessante ressaltar que a tela, pelos elementos mencionados e por suas qualidades narrativas, sugere a representação de uma mulher burguesa dos oitocentos: as mulheres brasileiras, que até 1814 estiveram fora da escola (e poucas recebiam educação básica em casa), começam, ao final do século, a receber um certo nível instrução, o que lhes possibilita fazer parte da vida social da corte – e a leitura de textos clássicos ou populares integra a prática de algumas dessas mulheres burguesas.<sup>2</sup> Em vista disso, *Moça com livro* (reproduzida a seguir), remete-nos à relação que se pode estabelecer entre literatura e leitor.



Fig. 01: *Moça com livro*, 1879.<sup>3</sup>

Paralelamente, é o que se nota na recente narrativa fílmica *O leitor*, dirigida por Stephen Daldry (EUA/Alemanha – 2008), em que se apresenta a história do relacionamento amoroso de um adolescente com uma mulher mais

<sup>1</sup> LEWIS, 2009, p. 116.

<sup>2</sup> JINZENJI, 2010, p. 14.

<sup>3</sup> Almeida Júnior. Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.

Disponível em: <<https://virusdaarte.net/almeida-junior-moca-com-livro/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.



velha, que durante os encontros amorosos sempre pede a ele que leia para ela romances diversos. Inesperadamente, Hannah desaparece da vida de Michael – que a reencontra muitos anos depois. O enredo, que se entrelaça à história da Alemanha pós Segunda Guerra Mundial, tematiza assuntos sobre a culpa alemã (individual e coletiva) pelo Holocausto e o letramento como instrumento de conscientização política – de acordo com Cláudia Mogadouro<sup>4</sup>.



Fig. 02: Foto: *O leitor*.<sup>5</sup>

As duas produções artísticas – separadas uma da outra por mais de um século – podem adstringir-se às questões elaboradas por Antoine Compagnon, em seu ensaio *Literatura para quê?*: “[q]uais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Qual lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida?”<sup>6</sup> Aliás, essas perguntas, que retomam inquietações de que se ocupavam poetas e pensadores clássicos desde Longino, Horácio e Aristóteles, são reiteradamente elaboradas – aspecto que confirma o caráter histórico da arte literária.

Em um importante ensaio sobre literatura e direitos humanos, intitulado “O Direito à Literatura” (inicialmente publicado em 1988), Antonio Candido afirma que:

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.cca.eca.usp.br/educocinema\\_leitor](http://www.cca.eca.usp.br/educocinema_leitor)>. Acesso em: 15 mai. 2017.

<sup>5</sup> Divulgação. Disponível em: <[http://www.cranik.com/o\\_leitor.html](http://www.cranik.com/o_leitor.html)>. Acesso em: 15 mai. 2017.

<sup>6</sup> COMPAGNON, 2009, p. 20.



[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas<sup>7</sup>.

As concepções acima corroboram um ponto de vista deste autor outrora expresso em “A literatura e a formação do homem” (ensaio de 1972), em que se discute a função humanizadora da literatura, a qual satisfaz a necessidade universal de fantasia e contribui para a formação da personalidade, além de constituir-se como produção que possibilita o conhecimento do mundo e do ser<sup>8</sup>.

Nesse mesmo sentido, Jonathan Culler, em *Teoria literária: uma introdução*, argumenta sobre a função e a natureza da literatura e propõe questionamentos sobre o que estaria “envolvido em tratar as coisas como literatura em nossa cultura”: haveria algum traço essencial, distintivo, comuns às obras literárias?<sup>9</sup>

Similarmente, Tzvetan Todorov, em *A literatura em perigo*, assegura que “a literatura pode muito”, pois a realidade a que ela aspira “é, simplesmente (mas ao mesmo tempo nada é assim tão complexo), a experiência humana”, de forma a possibilitar a vivência de experiências singulares, seja pelo poético seja pela narrativa<sup>10</sup>.

## 2. Exercícios de leitura literária

Somos seres de linguagem. Constituímo-nos pela palavra do outro e pela nossa. Um dos primeiros presentes que recebemos ao nascer é a palavra. A palavra nos define, nos constitui. Desde o nascimento, somos acolhidos pela palavra simbólica. São as cantigas de ninar, os brincos, as cantigas de roda que, simbolicamente, ajudam-nos a entender o nosso entorno. Ao repetir uma cantiga,

---

<sup>7</sup> CANDIDO, 2004, p. 113.

<sup>8</sup> CANDIDO, 2002, p. 85.

<sup>9</sup> CULLER, 1999, p. 28.

<sup>10</sup> TODOROV, 2010, p. 76-77.



ao brincar com uma produção cultural de seu contexto, a criança tem a oportunidade de começar a pensar sobre a complexidade do ser humano<sup>11</sup>.

Tomemos como referência para iniciar a reflexão uma cantiga popular, “A barata”:

A barata diz que tem sete saias de filó.  
É mentira da barata ela tem é uma só.  
A batata diz que tem cabelo cacheado,  
É mentira da barata ela tem coco raspado.<sup>12</sup>

Repetimos inúmeras vezes esse texto que se constitui por uma única voz, mas que expressa dois pontos de vista: (a) o que a barata diz sobre si, como ela se apresenta e (b) como os outros a definem, como os outros a percebem. A barata tem sete saias de filó ou tem apenas uma? Fica a indagação a partir da cantiga repetida por meio da oralidade.

Além dos dois pontos de vista enunciados na cantiga, a problematização é ampliada, ao se inserir o leitor ou o ouvinte que chega ao texto (nesse caso, oral) com o seu repertório. O leitor é convidado também a dizer. Que ponto de vista assume frente ao conflito posto? Entendemos que ao exercer o lugar de coautor do texto, o leitor pergunta e conversa com o texto literário e ousa eleger para a produção outra possibilidade de sentido. Ou seja, a identidade da barata pode ser a fusão de como ela se define e de como os outros a definem. Pensando um pouco mais, o que cada um de nós é? Talvez sejamos a mescla entre como nos vemos e como os outros nos veem.

A literatura provoca o interlocutor a pensar sobre si e sobre o coletivo. Como o título deste breve artigo anuncia, a partir da voz de Gonzaga Duque<sup>13</sup>, ela está na vida de todos os dias, de todos os homens...

Façamos outra pausa para refletir sobre o tema do nosso artigo. Estacionemos agora numa obra editada em 1976: *A bolsa amarela*, escrita por Lygia Bojunga Nunes. Neste texto<sup>14</sup>, destinado inicialmente aos leitores infantis, a personagem criança é colocada em situações que demonstram desajuste, frustração e marginalização familiar e social. Para explorar a marginalização

---

<sup>11</sup> RAMOS, 2010.

<sup>12</sup> Fragmento de cantiga da tradição popular.

<sup>13</sup> Fragmento extraído de comentário crítico de Gonzaga Duque sobre a produção artística de Almeida Júnior. Disponível em: <http://olhandoarte.blogspot.com.br/2009/05/analise-de-uma-obra-do-seculo-xix.html>. Acesso em: 20 abr. 2017.

<sup>14</sup> RAMOS, 2010.



familiar, tema ainda ignorado por grande parte do que se produz na literatura infantil até então, escolhe-se essa obra, que apresenta a personagem infantil de forma introspectiva.

Na obra em questão, a menina Raquel, caçula de uma família de classe média, formada pelos pais e três filhos, sente-se incompreendida pelos familiares: o pai e a mãe (com voz inexpressiva), o irmão e a irmã. Recorre, então, a um mundo imaginário a fim de não se tornar muito solitária. Ela possui três grandes vontades que a angustiam muito:

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever<sup>15</sup>.

O ponto de vista de enunciação da narrativa assume o lugar da criança, que cria um mundo paralelo ao dos adultos, no qual há espaço para as suas inquietações. Suas vontades não são reveladas às pessoas com quem convive e ela passa, por essa razão, a comunicar-se com personagens imaginárias. Quando recebe uma “bolsa amarela”, que pertenceu a sua tia, coloca ali suas vontades e também seus amigos imaginários: um galo chamado Rei, que troca seu nome por Afonso; uma série de nomes masculinos; um Alfinete de Fralda; mais tarde, uma Guarda-Chuva e, por um período, o galo Terrível. Esses amigos representam os anseios mais íntimos da menina.

A bolsa, no universo da narrativa, é o esconderijo para guardar os desejos e sonhos infantis que provocariam riso nos adultos, sendo, nesse aspecto, percebida como uma metáfora do inconsciente infantil: “Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério”<sup>16</sup>.

Após a criação de algumas histórias, a menina vai mudando a percepção das relações entre os seres que a cercam. Suas vontades já não a sufocam tanto. No caso dessa narrativa, a protagonista Raquel constrói histórias inventadas para inventar sua vida. De novo, retomamos as palavras roubadas e alocadas no título deste artigo: a vida se constrói, se inventa pela palavra e cada

---

<sup>15</sup> NUNES, 1993, p. 11.

<sup>16</sup> NUNES, 1993, p. 21.



personagem ou pessoa pode encontrar caminhos de invenção, elaborando narrativas para entender e entender-se.

A menina, além de personagem principal, é a narradora do texto. Como senhora do discurso, mostra maior preocupação com o aspecto psicológico, enfocando o interior infantil. Para a menina compreender o real, ela se vale de personagens fantásticas (seres que lhe despertam a curiosidade) e, através de várias situações descritas pela narrativa, consegue integrar-se à realidade. Na história da humanidade, agimos como Raquel. Criamos mitos para entender aquilo que não compreendemos. Inventamos histórias e possibilidades para aquilo que não compreendemos.

Nessa narrativa, a criança (ficcional) é apresentada como um elemento pensante, que assume postura emancipatória na construção do enredo. A menina é, ao mesmo tempo, participante da ação e também testemunha, registrando os fatos que se sucedem. Tal qual acontece na nossa existência concreta. Inventamos histórias cotidianamente. A literatura, ao inventar uma possibilidade de existência, nos põe à prova para pensar quem somos no mundo.

Agora saímos da infância e vamos para a maturidade para pensarmos acerca de como a arte literária nos fala sobre o casamento – por exemplo. Para essa breve reflexão, trazemos um poema de Adélia Prado, denominado “Casamento”. O poema toca, em especial, as mulheres, já que reconstrói a vivência da maturidade feminina.

Há mulheres que dizem:  
Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.  
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como “este foi difícil”  
“prateou no ar dando rabanadas”  
e faz o gesto com a mão.  
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.  
Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.  
Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> PRADO, 1991, p. 252.



Que visão de casamento o poema anuncia? Como nós, leitores e leitoras na casa dos 50 anos, por exemplo, casados e casadas – ou não – o constituímos? Como, você, interlocutor, o (res)significa? Como uma jovem relaciona-se com o eu-poético? Como leitores e leitoras de outras épocas e lugares apreendem e constroem sentidos para um texto assim? É provável que mulheres de hoje, em contexto em que se discute liberdade feminina (entre outras coisas), o rejeitem e asseverem: “imagina, limpar peixes!” ou sentenciem: “Só vou gostar dessa autora quando for velha... talvez...” Cada leitor vive no seu mundo, com suas singularidades, as quais reverberam na constituição dos jogos de sentido na relação entre literatura e leitor. Deste modo, identificamo-nos ou não com esse modo de falar do poema, tendo ou não experienciado um casamento. O poema pode, inclusive, anunciar a seus leitores facetas da convivência do casamento absolutamente desconhecidas. Contudo, o texto dá-nos a conhecer outros mundos, outras vivências. Dito de outra forma, esse poema de Adélia Prado pode exprimir aquilo de que falam os teóricos que embasam este texto: a literatura nos presenteia com outras realidades. A poesia antecipa o vivido, amplia nossas referências estéticas e culturais. A literatura nos ajuda a entender o passado e o presente, mas também a ter elementos para receber e viver o futuro.

Ressalta-se que, como lembra João Alexandre Barbosa em ensaio sobre a produção crítica de Antonio Candido, para viver de modo mais pleno a leitura literária, é necessário que tenhamos uma estratégia de leitura que jamais prescindia de aspectos biográficos, psicológicos, históricos ou sociais da obra literária, mas que preserve a eficácia da linguagem poética ao contemplar os deslizamentos incessantes entre condições do texto ficcional e seu processo de construção formal.<sup>18</sup> Tomemos, ainda, a liberdade de acrescentar outra dimensão: ao ler a literatura, colocamos na mesa a nossa vida. Entendemos o texto e o significamos a partir de vivências – talvez adormecidas – que vamos acordando.

### **3 Conclusão**

---

<sup>18</sup> BARBOSA, 1998, p. 50.





Quem é o leitor? Quem é o leitor da literatura? Certeau<sup>19</sup>, no trecho que nos serve de epígrafe, afirma figurativamente que o leitor é o viajante que anda por terras alheias. As vozes que comparecem neste artigo, sejam do universo teórico, sejam do universo ficcional, reafirmam essa posição. O leitor é um ser livre, escolhe as terras e os caminhos que deseja trilhar, assim como o modo como pretende trilhar o caminho. O texto – a canção popular (acessada mesmo pelo não alfabetizado), a narrativa infantil e o poema – são as terras. Cada terra tem seu relevo, seu clima, sua inclinação. Exige, portanto, modo distinto de ser palmilhada. Assim é o texto. Contudo, todos têm uma possibilidade de acolhimento do leitor/viajante. Ao acolher o leitor, o texto abre-se para que as vivências daquele passem também a constituí-lo. Arriscamo-nos a dizer que tantos são os textos quantos serão os seus leitores.

Atualizando a tela de Almeida Júnior ao contexto atual, a moça com o livro pode ser a criança, o não alfabetizado, o jovem, o adulto. Sua postura, além de ser aquela que mostra o leitor levantando os olhos do texto e contemplando o infinito, pressupõe que o leitor levante os olhos do texto e volte-se para si. Nessa cena de leitura pintada por nós, o leitor é também um livro que é lido ao interagir com a literatura (oral ou impressa).

Dito de outra forma, a reflexão ora proposta sublinha que a obra de arte literária (canção, lenda, epopeia, poema, romance, etc.) possibilita, entre outras ações, a formação de uma consciência humana e política, por meio da ampliação de referências histórico-culturais do sujeito leitor. A contemplação do mundo pelas janelas literárias – por causa da linguagem dentro e fora do poder, de que nos fala Roland Barthes<sup>20</sup> – auxilia-nos na compreensão de outros mundos, das relações que se estabelecem entre os homens, torna possível o entendimento de outras experiências, por meio da identificação com os seres e realidades artisticamente elaborados.

Destarte, o valor específico da literatura residiria, portanto, no fato de que ela permite que tenhamos acesso a experiências que não são nossas – por meio de cujas sutilezas sintetizamos nossa própria subjetividade, conforme Clive Staples Lewis (em *Um experimento na crítica literária*), que acrescenta:

---

<sup>19</sup> In: *Os jovens e a leitura*. PETIT, 2009, p. 27.

<sup>20</sup> BARTHES, 1989, p. 15.



Meus próprios olhos não são suficientes para mim, verei por meio dos olhos de outros. A realidade, mesmo vista por meio dos olhos de muitos, não é suficiente. Verei o que outros inventaram. Até mesmo os olhos de toda a humanidade não são o bastante. Lamento que os animais não possam escrever livros<sup>21</sup>.

A experiência de leitura literária, declara Lewis, “cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio”. Lendo a literatura tornamo-nos mil homens – e ainda permanecemos nós mesmos<sup>22</sup>.

### Referências:

- BARBOSA, João Alexandre. O método crítico de Antonio Candido. *CULT REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA*. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos Ltda., n. 12, julho, Ano 1998. p. 49-63.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 77-93.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? In: *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. p. 26-47.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- LEWIS, C. S. *Um experimento na crítica literária*. (Trad. João Luís Ceccantini.) São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 22. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.
- O LEITOR. Direção: Stephen Daldry. EUA/Alemanha: The Weinstein Company, 2009. DVD, son., color., legendado. Tradução de Paulo Frederico F. da Costa.

---

<sup>21</sup> LEWIS, 2009, p. 120.

<sup>22</sup> LEWIS, 2009, p. 121.



PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura infantil: de ponto a ponto*. Curitiba: CRV, 2010.

TEIXEIRA, Ivan. Anatomia do crítico. *CULT REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA*. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos Ltda. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos Ltda. n. 11, junho, Ano 1998. p. 36-41.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

#### Currículo abreviado das autoras:

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Doutora em Literatura (UnB), com pós-doutorado na USP. Professora na UNIMONTES. Integra os Grupos de Pesquisas: GEL/UNIMONTES, GT Vertentes do Insólito Ficcional (ANPOLL), A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ/CNPq) e Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP/CNPq). Coordenadora Institucional do PIBID/UNIMONTES (bolsista CAPES). Membro da equipe de Coordenação Pedagógica do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 – Literário (SEB/MEC). Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura infantil e juvenil, Leitura do texto literário, Formação do leitor, Literatura, ensino e formação docente e Estudos Comparados.

Flávia Brocchetto Ramos

Doutora em Letras pela PUCRS, com pós-doutorado em Educação (UFMG). Professora na Universidade de Caxias do Sul nos programas de pós-graduação em Educação e Letras. Líder do grupo de pesquisa Linguagem e Educação da UCS (CNPq). É bolsista CNPq nível 2. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura infantil e juvenil, Leitura do texto literário, Formação do leitor, Literatura, Acesso à informação. Bibliotecas, em especial, a escolar. Tem experiência na área de Educação e Letras, com ênfase em Literatura infantil, focalizando leitura, literatura, biblioteca e mediação de leitura na Educação Básica. Publicou livros e artigos em periódicos especializados. Orienta estágios, iniciação científica, dissertações e teses.

---

Recebido em: 15 de junho de 2019.

Aceito em: 28 de junho de 2019.